

CENTRO UNIVERSITÁRIO BARÃO DE MAUÁ

ARTHUR HENRIQUE DONATO MICA

**A SITUAÇÃO DA POPULAÇÃO DE RUA EM RIBEIRÃO PRETO:
IMPACTOS DA PANDEMIA DE COVID-19**

RIBEIRÃO PRETO

2025

ARTHUR HENRIQUE DONATO MICA

**A SITUAÇÃO DA POPULAÇÃO DE RUA EM RIBEIRÃO PRETO:
IMPACTOS DA PANDEMIA DE COVID-19**

Trabalho de conclusão de curso de jornalismo do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

Orientador: Me. Gustavo Russo

**Ribeirão Preto
2025**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

M619s

Mica, Arthur Henrique Donato

A situação da população de rua em Ribeirão Preto: impactos da pandemia de covid-19/ Arthur Henrique Donato Mica - Ribeirão Preto, 2025.

52p.il

Trabalho de conclusão do curso de Comunicação Social - Jornalismo do Centro Universitário Barão de Mauá

Orientador: Ms. Gustavo Russo

Pandemia 2. Pessoas em situação de rua 3. Ribeirão Preto I. Russo, Gustavo II. Título

CDU 070

Bibliotecária Responsável: Maria Gabriela Farias Cobianchi CRB8 9914

ARTHUR HENRIQUE DONATO MICA

**A SITUAÇÃO DA POPULAÇÃO DE RUA EM RIBEIRÃO PRETO:
IMPACTOS DA PANDEMIA DE COVID-19**

Trabalho de conclusão de curso de jornalismo do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

Data de aprovação: 02/12/ 2025

BANCA EXAMINADORA

Me. Gustavo Russo
Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

Dra. Gabriela Zauith
Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

Dr. Jefferson Barcelos
Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

**Ribeirão Preto
2025**

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso buscou através do formato de vídeo documentário relatar a visão de um estudo de campo sobre a população em situação de rua na cidade de Ribeirão Preto-SP. Dando espaço aos depoimentos dos indivíduos que se enquadram nessa parcela da sociedade foi possível ilustrar a hipótese primariamente levantada ao confrontar as coletas aos dados populacionais e sociodemográficos. O recorte temporal esteve fixado no período pós-pandemia da COVID-19, as coletas aconteceram entre agosto e outubro de 2025 e os dados sociodemográficos são referentes ao período de 2021 a 2025. Por fim, a reflexão sobre o cenário encontrado e aqui registrado permite avaliar que a sociedade como um todo precisa atuar em comunhão pelo estado social de direito e pela própria manutenção da democracia. Muito antes disso, agir pelo viés de humanidade e empatia conjugados ao ser social.

Palavras-chave: sociedade; moradia; pessoa em situação de rua; Ribeirão Preto; pandemia.

ABSTRACT

This is a paper of a course completion project that, through a documentary video format, tried to share the perspective of a field study with the homeless population in the city of Ribeirão Preto, São Paulo. By featuring testimonies from individuals who fit into this segment of society, it was possible to illustrate the hypothesis initially raised by comparing the data collected with population and sociodemographic data. The time frame was set in the post-COVID-19 pandemic period; data collection took place between August and October 2025, and the sociodemographic data refer to the period 2021-2025. Finally, reflection on the founded scenario and recorded here allows us to assess that the whole society needs to act united in favor of the welfare state and the very maintenance of democracy. Among that, it must act with a focus on humanity and empathy combined with the social being.

Keywords: society; residence; homeless people; Ribeirão Preto; pandemic.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
1.1	Objetivos	8
1.2	Discussão.....	9
2	O IMPACTO DA PANDEMIA NA VULNERABILIDADE SOCIAL	11
2.1	Saúde mental e invisibilidade social	13
3	O QUE É UM DOCUMENTÁRIO	16
3.1	O documentário no contexto jornalístico.....	17
4	RELATÓRIO DE GRAVAÇÕES.....	19
5	REGISTRO DOS TRABALHOS	21
5.1	Primeira visita às ruas	23
5.2	Entrevista vereadora	27
5.3	Segunda visita às ruas.....	28
5.4	Entrevista ao psicólogo	31
6	CONCLUSÃO	32
	REFERÊNCIAS.....	34
	APÊNDICE A - Termos de consentimento.....	36
	APÊNDICE B - DECUPAGENS DAS ENTREVISTAS	41
	APÊNDICE C - Declaração dos entrevistados que vivem em situação de rua	50

1 INTRODUÇÃO

A cidade de Ribeirão Preto - SP, conhecida por sua dinâmica econômica impulsionada pelo agronegócio, enfrenta um desafio crescente: o aumento significativo da população em situação de rua, principalmente no pós-pandemia de COVID-19. Esse fenômeno revela a fragilidade das redes de apoio social e escancara as desigualdades que permeiam a sociedade, afetando diretamente as classes mais vulneráveis. Dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) indicam um aumento de 38% na população em situação de rua entre 2019 e 2022 no Brasil, um reflexo alarmante das dificuldades enfrentadas por esses indivíduos, cuja realidade muitas vezes é invisibilizada.

Este estudo propôs analisar como a crise - sanitária, econômica e social - gerada pela pandemia intensificou as dificuldades já existentes, comprometendo o acesso a serviços essenciais e deteriorando as condições de vida dessa parcela da população. A pesquisa buscou compreender os aspectos quantitativos do aumento dessa população, bem como as experiências e desafios enfrentados por esses indivíduos durante e após o período pandêmico. A atuação do poder público e a percepção da sociedade sobre o problema habitacional foram igualmente investigadas, proporcionando uma visão abrangente das múltiplas dimensões que compõem essa problemática. Seguindo na modalidade audiovisual, o projeto foi realizado no formato vídeo documentário, que visou representar um recorte social da forma mais orgânica possível.

A relevância deste estudo é reforçada pela necessidade de um olhar mais atento e humanizado para a questão social e habitacional em Ribeirão Preto - SP. Por meio de uma pesquisa de campo, no formato audiovisual, pretendeu-se documentar as vivências cotidianas das pessoas em situação de rua através de sua própria voz, trazendo à tona suas histórias, anseios e a complexidade de suas realidades. O documentário visa informar e sensibilizar a sociedade, promovendo uma reflexão sobre a urgência de políticas públicas eficazes e o papel de cada um na construção de uma cidade mais justa e inclusiva.

Para um problema de tamanha complexidade como a falta de habitação para uma parcela da população não há uma solução única ou simples. A sociedade atual não pode ser culpabilizada por algo intrínseco ao sistema, tampouco atribuir apenas

ao governo a responsabilidade de tal, pois o que produz este fenômeno é uma série de fatores sociais, econômicos, de políticas públicas e decisões coletivas e individuais.

Na ocasião das Assembleias constituintes realizadas no período de redemocratização do Brasil na década de 1980, movimentos sociais levantaram a bandeira sobre a necessidade de moradia (e outros) como um direito humano ancorados na redação da Declaração Universal dos Direitos Humanos:

Toda pessoa tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e a sua família saúde e bem estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis, e o direito à segurança em caso de desemprego, doença, invalidez, viuvez, velhice ou outros casos de perda dos meios de subsistência fora de seu controle (Organização das Nações Unidas, 1948, art. 25º).

Tais discussões precederam a redação do texto final publicado em 1988, que preconiza, mais uma vez, moradia e habitação como direito de todo cidadão e cidadã do Brasil a partir da data de sua promulgação. Assim, o artigo 6º da Constituição Federal de 1988, com a alteração da Emenda Constitucional nº 90/2015, estabelece o direito fundamental à moradia digna como um direito social.

São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição (Brasil, 1988).

Se por um lado, na Constituição Federal, temos leis e direitos que garantem moradia plena a todos os brasileiros e todo imóvel localizado no país tem (em tese) que cumprir sua função social, por outro temos de conscientizar, criar empatia, comunhão de toda a população para fortalecer àqueles que não possuem tal dignidade. Quando observamos o comportamento de parte da população, intuimos a leitura que, para alguns, as pessoas em situação de vulnerabilidade não deveriam ser amparadas para se reerguer, visão essa que atrela endossa ainda mais os estereótipos de conotação pejorativa, diminuindo e desincentivando aqueles que se dispõe a ajudá-las. Essa seria a lógica meritocrática que, falaciosamente, coloca uma mesma roupagem em todos os indivíduos como se todos houvessem tido acesso às mesmas oportunidades. O principal passo para uma melhor construção da sociedade é a compreensão do problema para enfrentá-lo, seja por via das políticas públicas governamentais, seja por ações individuais e coletivas entre as pessoas.

1.1 Objetivos

O Trabalho de Conclusão buscou analisar como a crise gerada pela pandemia aumentou as dificuldades para as pessoas em situação de rua, incluindo o crescimento do número de indivíduos vivendo em situação de risco e a deterioração de suas condições de vida. Assim, alguns objetivos foram estipulados, como:

- Compreender o impacto da pandemia no acesso a serviços e apoio para essa população.
- Analisar a situação atual das pessoas em situação de rua, oferecendo uma visão detalhada de suas experiências e desafios durante e após a pandemia.
- Investigar a percepção da sociedade de Ribeirão Preto sobre o problema habitacional.

Conhecida como "Califórnia Brasileira", com grande aporte de capital do agronegócio, Ribeirão Preto, no interior do estado de São Paulo, demonstra como a desigualdade social afeta de forma categórica as classes mais vulneráveis. A pandemia escancarou um problema já evidente na cidade: o crescimento da população em desamparo do estado na garantia de um direito humano.

De acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), entre 2019 e 2022, a população em situação de rua aumentou em 38% no território nacional, enquanto levantamento da prefeitura indicou um crescimento de 12,65% dessa população de Ribeirão. Esses dados são alarmantes, mas não refletem a complexidade da realidade vivida por esses indivíduos, que frequentemente são tratados como obstáculos pela sociedade. Dentro do campo acadêmico, artigos e trabalhos com temas semelhantes abordam sobre uma ótica de estudo de caso, quase sempre em modalidades impressas. Sua importância para catalogar e registrar recortes sociais é inegável (Natalino, 2022; Almeida, 2015). Contudo, o Trabalho de Conclusão de Curso que realizamos vai além de um olhar enviesado do assunto, vamos adentrar sob a perspectiva dessas pessoas desabrigadas, compreender casos, registrar de forma incisiva que, aquelas pessoas não são somente dados, mas sim histórias, experiências de vida.

O estudo foi realizado através da produção de um documentário, com foco na convivência direta com as pessoas em situação de rua em Ribeirão Preto - SP. Durante essa imersão, realizamos entrevistas para coletar dados pessoais e

experiências, buscando entender como a pandemia afetou suas vidas revelando dados inéditos sobre as pessoas em situação de rua em Ribeirão Preto - SP em aspectos como saúde, alimentação e preconceito. O objetivo foi capturar histórias reais que ilustram as dificuldades de sobrevivência e o impacto do desemprego e da precarização social.

O processo incluiu visitas a abrigos e centros de apoio, onde foram observadas as condições de vida e os serviços oferecidos a essa população. As informações coletadas foram cruzadas com dados estatísticos de órgãos oficiais, como IPEA (Natalino, 2022), permitindo uma comparação entre a percepção e a realidade vivida.

Além disso, foram utilizadas ferramentas de observação direta, como a gravação de entrevistas de pessoas em situação de rua, para documentar as experiências dessas pessoas, capturando relatos que evidenciam a complexidade e os desafios enfrentados. A análise crítica dos dados coletados permitiu refletir sobre as condições que levam à situação de rua, conectando as histórias individuais aos fatores estruturais, como a desigualdade social e a falta de políticas públicas adequadas.

1.2 Discussão

No cenário pandêmico houve aumento significativo do desemprego a nível nacional, o que culminou no crescimento da população em situação de rua, deixando evidente as falhas e a fragilidade do sistema capitalista que vigora no país. Larga parcela da população perdeu renda do trabalho, emprego direto, autônomo, informal e outros e isso sugere a importância de monitorar a situação mais de perto daqui para frente. Além disso, “com o aumento da taxa de desocupação e com a precarização das relações de trabalho, o fenômeno da população em situação de rua é intensificado” (Santos, 2023, p. 131). Assim, o contingente populacional que vive em situação de rua aumentou e o fenômeno pode ser visto à olhos nus.

Tais fatores aprofundam a vulnerabilidade da população de rua, a qual antes da pandemia já vivia em condições precárias. Esse sofrimento esbarra na insuficiência das políticas de proteção social presentes no Brasil, uma vez que a saúde (para além do SUS) é vista como um produto e consequentemente está alinhada às necessidades do meio capitalista.

Na perspectiva da obtenção de lucro (Marx, 2013), se faz presente a tendência de reduzir a qualidade do atendimento público gratuito de saúde, favorecendo as pessoas com boas condições financeiras que podem pagar um serviço privado. Nessas condições, uma população já fragilizada financeiramente e em situação de rua, sofre em maior proporção do que pessoas com uma base financeira estável e assim fica evidenciada a miséria sistematicamente produzida como meio e produto da estrutura capitalista. O aumento da população em situação de rua em Ribeirão Preto e suas causas estruturais podem ser demonstrados através do aumento de 12,65% desse contingente entre os anos de 2021 e 2022, passando de 3.540 para 3.988 o número de registros e atendimentos pelo Serviço Especializado de Abordagem Social (SEAS) (Leoni, 2023). Tal crescimento explica a tendência identificada em um estudo etnográfico realizado entre 2012 e 2013 (Fiorati *et al.* 2015). Descartando qualquer senso de coletividade, culminando em uma dinâmica ironicamente antiga, datada da época das primeiras civilizações da Crescente Fértil, a Lei de Talião: olho por olho, dente por dente.

Fiorati *et al.* (2015) aponta que fatores como baixa escolaridade e ruptura de vínculos familiares (como divórcio dos pais), são quesitos determinantes para a maioria das pessoas que acabam em situação de rua. Mais especificamente, a pesquisa destaca que grande parte dos entrevistados associavam sua condição ao uso compulsivo e abusivo de substâncias psicoativas (como álcool e drogas).

Entretanto, uma visão reducionista (drogas como principal motivo), pode ocultar fatores estruturais mais amplos, que por sua vez podem apontar um denominador comum e mais assertivo acerca das motivações, como: a precarização das relações trabalhistas, a desigualdade social enraizada na sociedade e a falta de políticas habitacionais eficazes. Sendo assim, a relação do uso de psicoativos com o aumento de pessoas em situação de rua, é uma ideia redundante, e apenas um sintoma de um problema maior de estrutura familiar e educacional e de políticas públicas insuficientes (Fiorati *et al.* 2015).

2 O IMPACTO DA PANDEMIA NA VULNERABILIDADE SOCIAL

O aumento do número de atendimentos à pessoas em vulnerabilidade social aponta que a pandemia de COVID-19 pode ter agravado a situação precária de uma população já fragilizada e marginalizada, intensificando o processo de desemprego e consequentemente, a necessidade de assistência social.

De acordo com Oliveira, gestor do Instituto Limite, são realizados cerca de 400 atendimentos por mês na instituição, indicando uma demanda crescente por assistência social (Leoni, 2023). Entretanto, como apontado por Fiorati *et al.* (2015), medidas emergenciais de assistência à essa população, embora sejam necessárias, não bastam para resolver o problema de forma efetiva, pois sem políticas públicas intersetoriais, que tratam os determinantes da exclusão social, a tendência irremediável é que a população em situação de rua continue a crescer.

O cenário contemporâneo reforça a urgência de estratégias que integrem a assistência social, políticas habitacionais e geração de emprego para promover a reinserção social desses indivíduos, assim tratando a raiz do problema e não o sintoma.

O problema habitacional e as diferenças sociais na cidade de Ribeirão Preto já existiam, porém foram agravados com a pandemia de COVID-19 escancarando um cenário alarmante que veio à tona para toda população. O estudo de Ferreira *et al.* (2021) aponta que na ocasião "os indivíduos desabrigados corre[ra]m maior risco de serem contaminados pelo COVID-19 devido às suas condições precárias de moradia" (Ferreira *et al.*, 2021, p. 2).

Portanto, fatores como a falta de recursos básicos de proteção contra a infecção, como itens de higiene, máscaras e álcool gel, aumentaram a suscetibilidade desse grupo, como denúncia Santos (2023):

(...) Assim agravando as condições de vida de pessoas em situação de vulnerabilidade social, mais especificamente a população em situação de rua, além do mais, as principais estratégias de contenção de doenças, tal qual o isolamento social, a quarentena, o uso de máscara e a intensificação da higiene pessoal, não eram acessíveis e compatíveis com as condições desse grupo, assim aumentando a exposição e proliferação do vírus. Outro fator que vale ressaltar, foi a desestruturação do centro POP na cidade, serviço que para essa população é essencial, assim desorganizando toda uma rede de assistência social, que já passava por um período de adaptação para atender às novas exigências sanitárias (Santos, 2023, p. 161).

Diante do exposto, evidencia-se que a vulnerabilidade habitacional não é fruto

apenas de omissões pontuais do poder público, mas está enraizada em uma estrutura social que historicamente marginaliza os mais pobres. A pandemia apenas escancarou um modelo de organização urbana e econômica que, ao longo dos anos, naturalizou a exclusão de determinadas camadas sociais dos direitos mais básicos, como o acesso à moradia digna.

Essa exclusão sistemática encontra fundamento teórico nas análises de Karl Marx, que identificou no capitalismo um motor gerador de desigualdade estrutural. Para Marx (2013), a concentração de riqueza em poucas mãos e a manutenção de uma população vulnerável às margens do sistema não são falhas ocasionais, mas estratégias funcionais à lógica do capital. Assim, o aumento da população em situação de rua deve ser compreendido como uma consequência direta desse sistema que, ao priorizar o lucro, aprofunda a precarização das relações sociais.

Essa negligência e sucateamento de serviços que visam atender tal população, tem raízes no capitalismo. Marx (2013) argumenta que, à medida que o capitalismo se expande, cria-se uma massa de trabalhadores excedentes, que são considerados desnecessários pelos donos dos meios de produção. O autor chama essa população de "exército industrial de reserva". Assim, o capitalismo se estrutura como um sistema econômico que necessariamente precisa e gera diferenças sociais para se sustentar, o que antagoniza qualquer solução acerca do problema de pessoas em vulnerabilidade social.

Na medida que o capitalismo avança, junto ao meio neoliberal, novos métodos produtivos e formas de gestão do trabalho culminam na exclusão dos trabalhadores do meio produtivo formal, sendo marginalizados e gerando uma massa de desempregados ou colocados à força em subempregos que na maioria dos casos, são precários e informais, sem direito trabalhistas e assistência, tanto do patrão quanto do Estado.

De fato, esse fenômeno não é uma mera coincidência, mas uma característica estrutural do capitalismo, que incessantemente almeja mais produtividade e principalmente o lucro. Tal processo tem como intenção arrochar salários e condições de trabalho dos empregados. Dada a relação de dependência do proletário com o dono do meio de produção, um trabalhador não satisfeito, tem que se abdicar de sua dignidade para manter seu ganha pão, assim mantendo a exploração e a desigualdade, pois se tem pessoas precisando de um emprego (exército de reserva).

A população em situação de rua materializa as falhas do sistema capitalista, corroboradas pelo modelo neoliberal, o qual não só piora as desigualdades sociais, mas também mantém um ciclo contínuo de exclusão e marginalização dessa população. No capítulo 23 da obra "O Capital" (1867;2013) ao discutir a "lei geral da acumulação capitalista", Marx aponta que a superpopulação relativa composta por trabalhadores desempregados ou subempregados, funciona tal como um mecanismo de regulação da oferta de mão de obra. Essa camada da população, mantida à margem do emprego estável, reforça a disciplina nos meios de produção, uma vez que a ameaça constante e cotidiana do desemprego, coíbe as reivindicações por melhores condições de trabalho. Marx nomeia tal fenômeno como "acumulação da miséria", na qual o avanço tecnológico, ao mesmo tempo que aumenta a produtividade, aprofunda a exclusão de amplos setores sociais (Marx, 2013, p. 800).

A população em situação de rua é um fenômeno estruturalmente vinculado à dinâmica do sistema capitalista. Mesmo que esses indivíduos detenham capacidade produtiva, seu afastamento do mercado de trabalho os impede de um avanço pessoal no quesito qualidade de vida, assim reforçando um ciclo de exclusão que beneficia a manutenção do *status quo*. Marx demonstra como o progresso técnico, ao substituir trabalho vivo por maquinaria, produz um "excedente populacional" que o sistema é incapaz de reabsorver (Marx, 2013, p. 722). Nesse contexto, as pessoas em situação de rua representam a materialização mais extrema do que o autor denomina "as camadas mais baixas do proletariado", cuja existência precária serve como parâmetro para a degradação geral das condições de vida da classe trabalhadora.

Essa dinâmica de exclusão e precarização não se restringe apenas à esfera econômica, mas também se projeta sobre a dimensão subjetiva dos indivíduos afetados. Quando a sobrevivência se torna o único foco diário, o sofrimento emocional e psicológico se intensifica. A rua, como espaço de abandono, impõe um desgaste contínuo que ultrapassa a privação material: ela corrói a saúde mental, alimentando sentimentos de angústia, ansiedade e desesperança. A miséria, nesse sentido, não é apenas uma ausência de recursos, mas um acúmulo constante de experiências desumanizantes, que acabam por comprometer profundamente o equilíbrio emocional dos sujeitos que nela vivem.

2.1 Saúde mental e invisibilidade social

Além de deixar evidente as falhas do modelo capitalista, a pandemia expôs como as políticas públicas no país são precárias, evidenciadas pelo aumento de casos de prejuízo da saúde mental entre a população geral e, principalmente, da população de rua.

O artigo *Efeitos da Pandemia para os pessoas em situação de Rua* realizado em 2021 por uma equipe de pesquisadores da Universidade Federal de Campina Grande (FERREIRA et. al.), menciona que 44% dos participantes relataram episódios de ansiedade e 36% relataram depressão, evidenciando o impacto negativo da pandemia sobre a saúde mental (Ferreira et al., 2021, p. 4). A notória dificuldade de acesso a meios básicos de sobrevivência tal como alimentos e água, aumentou, uma vez que o fechamento de locais públicos que proviam tais recursos, deixou de doar alimentos em função da contingência do vírus. Ora, se a orientação geral daquele tempo era a campanha “fica em casa”, como poderia a população de rua proteger-se?

Na cidade de Ribeirão Preto, o crescimento da população em situação de rua, tornou necessário um maior suporte do estado para mitigar os efeitos da crise causada pela pandemia de COVID-19, entretanto, a população vulnerável seguiu ignorada pelo estado.

Uma pessoa em situação de rua sofre exclusão da sociedade de forma “natural”, uma vez que a mesma escancara as diferenças entre as camadas sociais. Gradativamente, os cidadãos começam a naturalizar essas diferenças abissais entre eles, pois torna-se algo intrínseco no cotidiano. Tal naturalização é citada na obra *Rituais de Sofrimento* de Viana (2020), que trata de temas como violência estrutural, marginalização e as políticas de higienização social. A marginalização dessa população não se apresenta como um mero imprevisto, e sim por meio de processos históricos e políticos que vão tornando sua presença cada vez mais imperceptível aos olhos da sociedade contemporânea.

Viana (2020) discute como a violência enraizada na sociedade de forma sistemática, apresenta-se nas mais diferentes formas de exclusão e negação de direitos básicos e humanos para a subsistência dos mesmos. O autor enfatiza que as políticas de higienização social agem de forma falha, uma vez que buscam marginalizar as pessoas em situação de rua dos espaços urbanos em vez de oferecerem soluções as quais tratam a raiz do problema, assim promovendo uma reintegração das pessoas em vulnerabilidade social.

Tal exclusão gerada de forma sistemática pelo capitalismo, reforça a condição de invisibilidade que certas classes sociais sujeitam às demais. Ao aceitar essa realidade como parte do cotidiano, a sociedade contribui para perpetuar o sofrimento das pessoas em situação de rua, assim fazendo-se essencial a reflexão sobre políticas mais humanas e inclusivas.

A falta de políticas públicas tem como prova o agravamento da precarização da vida de um morador de rua. A título de exemplo, vale citar a obra do Observatório Brasileiro de Políticas Públicas com População de Rua (OBPOP), que se trata de um levantamento nacional das dificuldades que uma pessoa em situação de rua enfrenta, assim deixando evidente como a ausência de políticas públicas pode ser ainda mais problemática para essa população.

Durante a pandemia, as condições de vida da população em situação de rua tornaram-se ainda mais precárias, com a falta de acesso a cuidados médicos, alimentação e políticas públicas efetivas para garantir a sobrevivência dessa população. A pandemia escancarou as fragilidades do sistema de assistência social brasileiro (OBPOP, 2021).

Portanto, investigar, registrar e divulgar essa realidade é de suma importância para, mesmo que pouco e lentamente, superar o cenário de desigualdade social exacerbada e resgatar a dignidade de pessoas que vivem em situação de vulnerabilidade.

3 O QUE É UM DOCUMENTÁRIO

O documentário é uma produção audiovisual, de curta ou longa duração que, em geral, explora questões sociais, aprofundando um tema e pautando-se na realidade. Tal formato tem como característica a escolha do estilo do diretor, assim como no cinema direto, que a interferência da câmera no evento é reduzida ao mínimo.

Segundo o teórico norte americano Bill Nichols (2010), na obra “Introdução ao documentário”, todas as obras cinematográficas, podem ser entendidas como registros documentais da experiência do ser humano, assim classificadas em duas vertentes: as que exploram emoções como o medo e a fantasia, aproximando-se da ficção; e as que se dedicam a representar a realidade social, mantendo-se fieis aos fatos. O autor ainda propõe seis modos documentais, que sintetizam fios condutores na abordagem da produção documental. Resumidamente, são eles: modo poético, com uma abordagem lírica e carregada de emoção; modo expositivo, representa uma narrativa clara e objetiva; modo observacional, os eventos sem interferência do documentarista; modo participativo, no qual o cineasta interage com os personagens; modo reflexivo, questiona o próprio processo de filmagem; e o modo performativo, que mistura elementos autobiográficos com a narrativa documental.

Partindo das ideias de Nichols (2010), buscamos trazer ao nosso documentário uma abordagem observacional, sem, entretanto, nos limitarmos apenas a ela. Em nosso material, promovemos uma mescla entre os modos observacional e expositivo, com o objetivo de desenvolver o tema através do conteúdo.

Nessa perspectiva, pode-se citar o documentário *À Margem da Imagem* (Mocarzel, 2003) como um bom exemplo do modo reflexivo. A obra expõe de forma sensível e crítica o processo de invisibilização da população em situação de rua em São Paulo, provando como a marginalização se faz presente tanto pela indiferença social quanto por políticas públicas higienistas. Por meio de relatos diretos dos personagens, como o trecho em que um morador de rua entrevistado afirma, "A gente não é visto como gente, é visto como coisa que atrapalha". O documentário mostra a violência simbólica dessa exclusão, enquanto cenas de apreensão de pertences demonstram a ação estatal que trata a pobreza como problema estético.

Ainda no contexto de produções audiovisuais, a série britânica *Survivors* (2008-2010) apresenta um cenário distópico em que o colapso das instituições sociais

durante uma pandemia fictícia deixa os mais vulneráveis à mercê da própria sorte, situação que encontra paralelos alarmantes na realidade enfrentada pela população em situação de rua durante a COVID-19. Com uma narrativa ficcional, a série retrata personagens lutando pela sobrevivência em um mundo sem estruturas de apoio. Sincronicamente, durante a pandemia do COVID-19, os relatos de pessoas em situação de rua revelam a mesma luta por dignidade em meio ao descaso - desde a falta de acesso a abrigos seguros até a dificuldade em obter itens básicos de higiene.

Outro exemplo relevante no campo do audiovisual, mais precisamente em documentários brasileiros, é a obra *Estamira* (2004), dirigida por Marcos Prado. O diretor traz como proposta o acompanhamento da vida de Estamira Gomes de Sousa, uma mulher que possui distúrbios mentais e que vive e trabalha em um aterro sanitário na cidade de Rio de Janeiro. O documentário revela de forma direta os impactos ocasionados pela exclusão social e o abandono estatal, relatando como a insanidade mental e a miséria andam lado a lado. Prado apresenta tal perspectiva através de uma narrativa carregada de crítica social e lucidez.

Estamira (2004) provoca o espectador ao colocar uma figura marginalizada como protagonista de sua própria história. Ela não é interpretada ou explicada por um narrador em terceira pessoa, o que acaba trazendo mais proximidade do espectador ao tema.

3.1 O documentário no contexto jornalístico

O jornalismo como braço da comunicação entre os fatos cotidianos e a sociedade tem no documentário uma forma de diálogo direto para alertar e denunciar as desigualdades. O jornalista tem por dever ser justo com seu receptor, não o induzir ao erro de interpretação e tão pouco querer manipulá-lo com a notícia, restringindo-se à verdade dos fatos. Já no caso de um jornalista que se lança à produção documental, deve-se atentar ao equívoco de acreditar que é imparcial e que seu filme expressa de maneira fidedigna o que notícia, pois, a escolha de filmagens, a roteirização, os entrevistados e até as trilhas sonoras surgem de uma interpretação da realidade, um ponto de vista, que deve ser levado em consideração para não cometer imprecisões no produto.

De acordo com Felipe Pena (2005), a chamada Teoria do espelho explica como essa tentativa da imparcialidade atrapalha na construção real da sociedade e como nós, como profissionais, falhamos quando tentamos replicar os fatos no produto. Pena discorre sobre como alguns profissionais adotam a teoria do espelho para produzir suas matérias, alegando que o papel do jornalista é de informar a sociedade, sem qualquer objeção aos fatos dados, não colocando discursos pessoais nele, cabendo ao comunicador apenas refletir sobre a informação. Contudo, ele aponta as incoerências, continuando com a mesma comparação do espelho, dizendo que aquilo que é refletido, acima de tudo, também é um recorte de parcialidade, que toda preferência por fontes, imagens e cronologia dos fatos, terá pendências para uma visão específica de mundo.

[...] o jornalismo, a simples argumentação de que a linguagem neutra é impossível já bastaria para refutar a teoria do espelho, pois não há como transmitir o significado direto (sem mediação) dos acontecimentos. Além disso, as notícias ajudam a construir a própria realidade, o que inviabiliza a existência de um simples reflexo do real (Pena, 2005, p. 128)

4 RELATÓRIO DE GRAVAÇÕES

Ao início das pesquisas sobre o tema tratado, nos deparamos com o primeiro contratempo: poucos dados concretos e densos sobre a população em situação de rua especificamente em Ribeirão Preto- SP.

Segundo estudos do Observatório Brasileiro de Políticas Públicas com a População em Situação de Rua da UFMG, no estado de São Paulo em 2024, mais de 135 mil pessoas estão desabrigadas, representando 43% da população em situação de rua no país (O'Propua, 2021)

Quando aproximamos a lupa para observar Ribeirão Preto - SP, os dados da Secretaria Municipal de Assistência Social no ano de 2025 mostram que 1.838 pessoas vivem em situação de rua na cidade. Se incluirmos no recorte pessoas que vivem com salários abaixo de R\$660,00 mensais, o percentual sobe para 19% da população total da cidade. Isso mostra que, apesar de ocupar a 29ª posição do ranking nacional em tamanho do PIB, a cidade vive um quadro de desigualdade socioeconômica profundamente arraigada.

Com esses dados em mente, buscamos especialistas para conversar e entender de forma mais contundente como se traduzem esses números da população vulnerável para algo visível. O processo de agendamento das entrevistas foi feito online, buscando por profissionais no LinkedIn e auxílio de nosso orientador para conseguir entrevistas e marcar através do Instagram.

Enquanto as entrevistas eram agendadas, começamos a realizar o processo de roteirização de perguntas para cada entrevistado, com a finalidade de acompanhar o tema proposto e aproveitar uma melhor fluidez nas gravações. Cada personagem foi pensado para preencher um tópico do tema do trabalho.

As escolhas partiram de uma construção de conceito sobre essa população em geral, circunstâncias para estarem desabrigados, questões pessoais que possam ter enfrentado, amparo social, assistencialismo público e a luta por seus direitos. Os roteiros seguiram de forma específica para cada, mas o cerne para o documentário foi seguido à risca, todos os entrevistados entraram no tema da pandemia de COVID. Os personagens responderam conforme sua área de atuação, contudo, seguiram de forma fluída o tema geral.

As gravações foram feitas *in loco*, previamente marcadas onde era mais cômodo para encontrá-los. As gravações do sociólogo Lucas Pires e da advogada

Júlia Moretti foram feitas no campus da USP-RP. A vereadora Duda Hidalgo foi entrevistada dentro de seu gabinete na Câmara dos Vereadores de Ribeirão Preto. Com o psicólogo Caio Cezar, realizamos a entrevista na praça XV de novembro. Acompanhamos um dia de entrega de suprimentos da ONG Instituto Simplesmente Amor para realizar a entrevista com o presidente Silvio Mica na rua.

5 REGISTRO DOS TRABALHOS

Entrevista ao sociólogo

Nome: Lucas Alexandre Pires

idade: 36 anos

profissão: Sociólogo

A entrevista com Lucas marcou o início da aplicação do nosso projeto, realizada no dia 13 de agosto de 2025, na Biblioteca Central da USP Ribeirão Preto. Tal evento foi essencial para nos introduzir ao tema e nos dar um encaminhamento sobre os assuntos que poderiam ser abordados posteriormente no momento das entrevistas com a população de rua.

Para essa entrevista, priorizamos discutir conceitos gerais sobre o que é *“um morador de rua”* e suas motivações, até gradualmente chegarmos ao tema da pandemia e ao comportamento da sociedade nesse período. “Um morador de rua pode-se enquadrar como uma questão social, não necessariamente como um problema”, afirma o sociólogo. Partindo dessa premissa, Lucas discorreu sobre suas ideias durante a entrevista, explicando como a sociedade enxerga essa população e como essa contradição sistemática coexiste em nosso cotidiano.

No contexto da pandemia, Lucas afirma que o período reformulou a forma como nos relacionamos, criando um precedente em que, se uma pessoa não possui condições mínimas de subsistência, torna-se desprezada perante a sociedade. Diante de tudo, Lucas define a vida na rua em uma palavra: “esperança”.

Foto 1 - Entrevista com o sociólogo Lucas Alexandre Pires



Fonte: Do autor

Entrevista a advogada (professora)

Nome: Júlia Moretti

Idade: 44 anos

Profissão: professora de direito

Diante de um contexto pandêmico, os direitos humanos devem ser preservados, principalmente quando o assunto envolve pessoas em situação de rua. Cientes dessa questão, julgamos necessária a entrevista com uma advogada para tratar do tema, e foi assim que conhecemos Julia, professora da Faculdade de Direito da USP em Ribeirão Preto.

Realizada no dia 15 de agosto de 2025, na própria faculdade, a entrevista nos proporcionou compreender os direitos dessa população, que foram, de certa forma, violados durante a pandemia. Perguntada sobre os direitos das pessoas em situação de rua, a professora afirma:

"As pessoas em situação de rua são cidadãos titulares de direitos como qualquer outro. Aos olhos da Constituição, elas merecem proteção especial em função de um paradigma e de uma diretriz da Constituição Brasileira, que garante a dignidade da pessoa humana e a redução das desigualdades."

No contexto da pandemia, quando questionada se essa população teve seus direitos preservados, Júlia Moretti indica que grande parte das denúncias de graves violações de direitos humanos estavam relacionadas à população em situação de rua.

Foto 2 - Entrevista com a professora Julia Moretti



Fonte: Do autor

5.1 Primeira visita às ruas

As gravações nas ruas tiveram início no dia 16 de agosto de 2025, acompanhando o Instituto Simplesmente Amor, que realizava a entrega de alimentos à população em situação de rua. As atividades começaram por volta das 18h, e a primeira adversidade enfrentada foi a falta de iluminação nas ruas, especialmente nos locais onde se concentravam as pessoas em situação de rua.

As entrevistas foram realizadas em três pontos de entrega da ONG: Rua Luiz Gama, Marginal da Rodovia Bandeirantes e Avenida Álvaro de Lima, locais com grande concentração de pessoas em situação de rua. Na ocasião, o grupo distribuiu cerca de 300 lanches, atendendo à população que depende dessa assistência.

Para abordar as fontes, inicialmente foi feito um perfil de cada entrevistado, registrando nome, idade e profissão anterior à vida na rua. Esse procedimento permitiu traçar um paralelo com os personagens e, em seguida, direcionar as perguntas ao recorte jornalístico do trabalho, que foca na vida do morador de rua durante a pandemia de COVID-19. Dessa forma, tornou-se possível compreender o

contexto de cada pessoa antes de introduzir o tema central das quatro entrevistas. A seguir, apresentam-se os perfis e resumos dos participantes.

Entrevista 1

Nome: Fábio Nogueira

Idade: 47 anos

Profissão antes de ir para a rua: Serviços gerais

Fábio Nogueira está em situação de rua há cinco anos. Ele optou por essa vida em busca de maior liberdade diante de um contexto familiar conturbado, que, segundo ele, culminou em uma revolta, levando-o ao que chama de “submundo” da vida na rua.

Apesar das adversidades, como frio e dificuldades com alimentação, Fábio considera que leva uma boa vida, principalmente devido ao apoio de grupos voluntários. O que o mantém nas ruas é sua missão que ele define como “revolucionária”: “Eu me coloco como um revolucionário, construo habitação onde há terrenos do governo para ajudar quem passa por dificuldades”.

Durante a pandemia de COVID-19, ele relata que sua vida foi relativamente tranquila, já que pessoas em situação de rua convivem diariamente com diversas doenças; a pandemia apenas somou às adversidades. Fábio observa que a pandemia de COVID-19 foi mais devastadora entre pessoas de classe média do que entre as pessoas em situação de rua ao seu redor.

Quanto ao desamparo estatal, explica que, no início da pandemia, enquanto estava detido, recebeu algum apoio; porém, após ganhar liberdade, encontrou-se completamente desamparado.

Fábio resume sua experiência de vida na rua em uma única palavra: “liberdade”.

Entrevista 2

Nome: José

Idade: 57 anos

Profissão antes de ir para a rua: Padeiro

José tinha uma vida estruturada antes da pandemia, pois trabalhava como padeiro, mas perdeu seu ofício após a escalada da situação posta. Logo após alguns

meses, se viu impossibilitado de pagar as suas despesas e passou a viver nas ruas de Ribeirão Preto-SP.

José define a vida na rua em uma palavra: “Dor”.

Entrevista 3

Nome: Diva Souza

Idade: 68 anos

Profissão antes de ir para a ocupação: Cozinheira

Diva Souza é a primeira moradora da ocupação da Matinha, próxima à Avenida Caramuru. Ela possui um bar na comunidade e, devido ao grande fluxo de pessoas em situação de rua na ocupação, mantém uma relação de apoio com essa população. Diva relata que, no entorno da ocupação, há cerca de 80 usuários de entorpecentes.

Segundo ela: “Sinto pena deles. A droga faz com que destruam suas próprias famílias, mas, conversando com eles, vejo que têm motivos para estarem nessa vida. Já tivemos ex-advogados que mandei para internação, e sempre aconselhamos que busquem ajuda, porque a vida na rua é sofrida”.

Durante a pandemia de COVID-19, Diva enfrentou um período de muito sofrimento, com inúmeros pedidos de ajuda, e não mediu esforços para apoiar os pessoas em situação de rua. Quanto ao amparo do Estado, ela afirma que a Prefeitura de Ribeirão Preto não oferece assistência na região, deixando a população à mercê de grupos voluntários e de seu próprio apoio.

Como solução paliativa para o problema de moradia, Diva sugere a construção de um galpão que possa abrigar as pessoas em situação de rua de forma mais digna.

Diva resume a vida na rua em uma única palavra: “sofrimento”.

Entrevista 4

Nome: Alexandre

Idade: 63 anos

Profissão antes de ir para a rua: Intérprete

Alexandre está em situação de rua há oito anos, após perder sua moradia devido a uma crise financeira. Apesar de sua bagagem acadêmica e experiência profissional, hoje enfrenta a exclusão social pela falta de oportunidades. Segundo ele: “As pessoas

te julgam muito pela aparência, não pelo currículo. Já fui chamado por várias empresas, mas na hora da entrevista acabam não me contratando”.

Sua rotina começa às 6h da manhã, quando vai até um semáforo pedir alimento. Em seguida, retorna ao local onde costuma dormir para ajudar outras pessoas em situação de rua. Durante o almoço, volta ao semáforo em busca de comida, e à tarde procura remédios para cuidar da saúde. À noite, depende do apoio de grupos voluntários para se alimentar.

Alexandre destaca que a invisibilidade social é o que mais o incomoda: “Se você nos der 30 segundos de atenção, já ajuda muito. Não é só dinheiro”. Ele ressalta a importância da atuação do Ministério da Saúde na vacinação de pessoas em situação de rua nas imediações do bairro Vila Tibério, em Ribeirão Preto durante a pandemia de COVID-19. Contudo, a falta de informação e o desconhecimento da população sobre o contexto pandêmico expuseram ainda mais as pessoas em situação de rua a riscos.

Embora tenha sido vacinado, Alexandre afirma que faltou assistência da Prefeitura quanto à alimentação e outros cuidados básicos, tornando os grupos voluntários os principais responsáveis pelo apoio nesse período.

Quando precisa definir a vida nas ruas em uma palavra, Alexandre não hesita: “dor”.

Entrevista 5

Nome: Thatiane

Idade: 45 anos

Profissão antes de ir para a rua: do lar

Mãe de cinco filhos, Thatiane alega que a maioria das pessoas em situação de rua com quem convivia na época da pandemia acabaram falecendo em decorrência da própria doença. Ela perdeu duas amigas em um período curto de tempo durante o auge da epidemia.

Durante a conversa, Thatiane revelou que, apesar de seus filhos tentarem ampará-la, o vício às drogas ainda a prende às ruas. Em desabafo, ela mencionou que gostaria de aceitar a ajuda de seus filhos, mas que deve partir dela mesma a iniciativa de sair das ruas.

Entrevista 6

Nome: Sofia Marisa

Idade: 42 anos

Profissão antes de ir para a rua: Chefe de cozinha

Sofia Marisa está em situação de rua há oito anos. Sua trajetória começou após uma depressão desencadeada pela morte de sua mãe, que a levou ao consumo de drogas e à dependência, mantendo-a em condição precária.

Durante a pandemia de COVID-19, Sofia relata que o maior desafio foi o preconceito da sociedade, que a evitava por medo de contágio, dificultando o acesso à ajuda que antes era mais disponível. Apesar das dificuldades, ela afirma que não houve muitos óbitos entre as pessoas em situação de rua no período.

Sobre o desamparo enfrentado por essa população, Sofia destaca a escassez constante de recursos, que pouco mudou durante a pandemia, sendo apenas amenizada pelas doações de grupos voluntários. Quanto às ações da Prefeitura de Ribeirão Preto, considera que faltou amparo efetivo.

Sofia resume sua experiência de vida na rua em uma única palavra: “experiência”.

Foto 3 - Entrevista a Diva Souza



Fonte: Do autor

5.2 Entrevista vereadora

Para abordar um tema de saúde pública, foi necessário contar com o relato de alguém atuante na Prefeitura da cidade. Obter retorno desse tipo de contato apresenta certa dificuldade, devido à agenda corrida dos gestores. Enviamos mensagens para diversos vereadores, e a jovem vereadora Duda Hidalgo aceitou nosso convite.

Duda, com 22 anos e um olhar progressista, foi fundamental para trazer a perspectiva do poder público durante a pandemia, destacando tanto os acertos quanto os erros da administração anterior.

A entrevista foi realizada no dia 19 de agosto de 2025, na Câmara dos Vereadores, no comitê da própria vereadora. A principal dificuldade foi o tempo limitado, em razão da agenda cheia da parlamentar. Por isso, as perguntas foram formuladas de forma mais objetiva, partindo do princípio ao tema, para trazer relatos claros sobre a visão de Duda em relação à desigualdade social na cidade e críticas às ações da Prefeitura durante a pandemia.

Foto 4 - Entrevista vereadora Duda Hidalgo



Fonte: Do autor

5.3 Segunda visita às ruas

Nossa primeira ida às ruas nos rendeu relatos valiosos. Entretanto, precisávamos de fontes mais pontuais para ampliar nosso acervo, tanto de pessoas

em situação de rua quanto de pessoas ligadas à ONG. Por isso, retornamos às ruas no dia 30 de agosto de 2025.

Acompanhando novamente o Instituto Simplesmente Amor, buscamos encontrar pessoas em situação de rua que tivessem experiências marcantes durante a pandemia. Foi nesse contexto que conhecemos Débora e Debrair, originários de outras cidades. Ambos vieram a Ribeirão Preto há muito tempo e permanecem nas ruas por motivos diversos.

Entrevista 1

Nome: Débora

Idade: 32 anos

Profissão: desempregado

Há 16 anos em Ribeirão Preto e há 7 anos vivendo nas ruas, Débora carrega consigo uma história triste. Durante a pandemia, perdeu o pai, a quem tinha grande carinho, fato que intensificou o uso de drogas e resultou na perda da guarda de sua filha, a maior culpa que ela carrega.

Na época da pandemia, Débora ressalta a importância do trabalho dos grupos voluntários em seu cotidiano, assim como o papel do Estado ao fornecer a vacinação para essa população.

Débora resume a vida na rua em uma palavra: “sobrevivência”.

Entrevista 2

Nome: Debrair

Idade: 30 anos

Profissão: não informado

Debrair está na rua há 9 anos. Optou por esse estilo de vida após descobrir uma traição de sua companheira em Taquaritinga, fazendo das ruas um refúgio para lidar com seus problemas.

A vida na rua não é fácil. Entre tantas adversidades, Debrair aponta a chuva como a mais complicada, já que, nesse período, perde o local onde dorme. No entanto, o tempo lhe ensinou a se adaptar: “Nesses 9 anos, aprendi a passar frio e fome”, afirma.

Durante a pandemia, Debrair reconhece que não foi fácil, mas ressalta que a prevenção, na medida do possível, foi fundamental. Contudo, a chuva no contexto da COVID-19 aumentou a exposição ao risco, já que pessoas em situação precisavam se abrigar debaixo de pontes, facilitando a propagação do vírus. Um colega de rua acabou infectado e posteriormente faleceu.

Assim como Débora, Debrair define a vida na rua em uma palavra: “sobrevivência”.

Entrevista 3

Nome: Silvio Mica

Idade: 60 anos

Profissão: aposentado

Para as pessoas em situação de rua, os grupos voluntários acabam tendo um papel crucial na sobrevivência dessa população, sendo assim, entrevistamos o presidente do instituto simplesmente amor, Silvio Mica.

Fundado a 10 anos atrás, o grupo entrega em torno de 600 lanches por semana a população de rua. No contexto da pandemia, Silvio alega que para os grupos voluntários, foi impactante "nas primeiras semanas de pandemia as pessoas em situação que já conhecia a gente, nos via e pedia para voltarmos, e após nos organizarmos com os voluntários, saímos às ruas e como não tinha muita gente fazendo entrega, cada trabalho saíamos com 1000 lanches e logo acabava devido a procura".

Silvio define a vida na rua em uma palavra: "Humanidade".

Foto 5 - Entrevistas com pessoas em situação de rua



Fonte: Do autor

5.4 Entrevista ao psicólogo

Nome: Caio Cezar

Idade: 26 anos

Profissão: psicólogo

No dia 20 de Outubro realizamos nossa última entrevista. Para embasar os relatos dos pessoas em situação de rua, julgamos como necessário conversarmos com um profissional na área de saúde mental, uma vez que assuntos como traumas, liberdade e conformismo, foram recorrentes em nossas visitas às ruas. Realizada na Praça XV de novembro em Ribeirão Preto, Caio com a sua experiência em trabalhos com tal população, explicou os motivos do que leva e o que mantém os pessoas em situação de rua nesse contexto, assim fechando o nosso cronograma de gravações e sintetizando os demais materiais aos quais coletamos.

6 CONCLUSÃO

A elaboração do trabalho trouxe à tona muitos dos conceitos abordados ao longo da graduação, dentre eles os estudos sobre psicologia, sociedade, fotojornalismo, técnicas de edição de vídeo e ética legislação em jornalismo foram ventilados durante a produção. O trabalho de conclusão de curso trouxe a mim a oportunidade de colocar em prática os estudos que vinha fazendo durante a minha vida acadêmica e o que já vinha observando a mais de 10 anos através do trabalho voluntário no âmbito familiar.

Durante as entrevistas às pessoas em situação de vulnerabilidade social, algo me intrigou: a conformidade dos mesmos diante de um cenário calamitoso. Quando questionados sobre como foi a vida na rua durante a pandemia, muitos alegavam que diante de tantas adversidades que encontram na rua, a COVID- 19 veio como mais uma. Fora do quesito da pandemia, o conceito de liberdade foi muito levantado por tal contingente, uma vez que grande parte teve como motivação do seu êxodo as ruas a relação conturbada com a família, enxergando na rua uma forma de não ter contato com tais problemas e de certa forma preferir passar por tantos percalços diários, assim, a emancipação que eles buscavam na rua, acaba sendo suprimida pela prisão da fome, frio e violência.

Desde muito cedo sabia que a comunicação poderia ser um rumo para a minha vida, entretanto essa ideia se mostrava antagônica ao meu modo de ser, uma criança e adolescente sempre retraído, mas que encontrava nos textos uma forma de expressar suas ideias sobre o mundo quando a mim era proposto na escola. Com o passar do tempo e as adversidades da vida, me vi perdido após terminar meu ciclo escolar quase que de forma repentina após a pandemia de COVID-19. Já inserido no mercado de trabalho, sentia a necessidade de ingressar em uma faculdade, foi então que juntei fragmentos da minha infância que me fizeram ter certeza de que o jornalismo seria uma forma de me encontrar.

Há passagens na vida que são preponderantes para as escolhas que iremos fazer dali em diante, e uma delas foi a minha relação com o meu time de futebol do coração, o Comercial Futebol Clube. Desde 1 ano de idade frequento o estádio Doutor Francisco de Palma Travassos, local onde desenvolvi minha percepção do que é a paixão por algo. Vendo os jogos atrás do tradicional alambrado, enxergava os jogadores como heróis e logo na beirada do campo, nos intervalos dos jogos, notava

que os jornalistas que lá estavam tinham o privilégio de conversar com eles. Lembrando desses momentos marcantes em minha vida, tive certeza da faculdade que iria cursar.

Ao ingressar na faculdade de jornalismo, entrei com a intenção de trilhar o rumo do jornalismo esportivo, entretanto, com o passar do tempo fui me apegando às críticas sociais e a busca por entender, através da História, as mazelas pelas quais o mundo perpassa. A busca dos porquês tantas pessoas moram nas ruas em nossos pais se deu após meu pai ingressar nos trabalhos sociais as pessoas em vulnerabilidade sociais. Uma vez que, através do meu contexto familiar, fui introduzido ao tema, isso passou a fazer parte da minha rotina aos sábados à noite. Entregávamos lanches às pessoas em situação de vulnerabilidade social na cidade de Ribeirão Preto - SP. Assim pude notar através da experiência a sistemática que leva pessoas a uma situação de calamidade, percebi que através desse trabalho conseguiria produzir algo que pudesse retratar a vida de tal contingente.

O tempo passou, a graduação avançou e chegou o momento da elaboração do trabalho de conclusão de curso. Junto ao meu colega de classe, Walter Costa, propus que fizéssemos juntos algo sobre pessoas em situação de rua, mas não sabia ao certo qual recorte jornalístico poderíamos desenvolver. A ideia de produzir um documentário já estava em nossos corações, mas foi através de uma conversa com o nosso ex-professor, Guilherme Nali, que nos propôs tratarmos sobre a vida da pessoa em situação de rua pós pandemia de COVID - 19. A partir disso, tínhamos o recorte que precisávamos para dar início ao nosso TCC. O processo de produção do trabalho de conclusão de curso, foi uma forma de materializar os conceitos e ideias desenvolvidas durante o ciclo acadêmico, a aplicação de técnicas de entrevistas e sensibilidade para abordar uma população marginalizada e invisibilidade, foi de fato uma experiência única em minha vida.

REFERÊNCIAS

À MARGEM da Imagem. Direção de Evaldo Mocarzel. Produção de Ugo Giorgetti. Roteiro: Evaldo Mocarzel, Brasil: White Martins, 2003. (72 min.), son., color. Disponível em: <https://ecofalante.org.br/filme/a-margem-da-imagem>. Acesso em: 09 nov. 2025.

ALMEIDA, D. Morador de rua: Da questão social para a questão midiática. **Puçá**: Revista de Comunicação e Cultura na Amazônia, [s.l.], v. 1, n. 1, p. 77–102, 2015. Disponível em: <https://estacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/puca/article/view/2680>. Acesso em: 3 abr. 2025.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 2 abr. 2025.

ESTAMIRA. Direção de Marcos Prado. Produção de Marcos Prado. Roteiro: Marcos Prado. Brasil: Zazen Produções, 2005. (121 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jSZv8jO9SAU>. Acesso em: 09 nov. 2025.

FERREIRA, L. S. *et al.* Feitos da pandemia para os moradores de rua. **Brazilian Medical Students Journal**, [s.l.], v. 8, n. 12, p. 1-11, 2021. Disponível em: <https://revistas.ifmsabrazil.org/bms/article/view/527/176>. Acesso em: 09 nov. 2025.

FIORATI, R. C. *et al.* Iniquidade e Exclusão Social: Estudo com Pessoas em Situação de Rua em Ribeirão Preto/SP. **Revista Eletrônica Gestão & Saúde**, [s.l.], v. 6 n. 3 supl., p. 2120-2135, 2015. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rgs/article/view/3083>. Acesso em: 09 nov. 2025.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

LEONI, Guilherme. “Número de moradores em situação de rua cresce 12% em um ano em Ribeirão Preto, diz prefeitura”. 15 fev. 2023. Disponível em <https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2023/02/15/numero-de-moradores-em-situacao-de-rua-cresce-12percent-em-um-ano-em-ribeirao-preto-diz-prefeitura.ghtml>. Acesso em: 09 nov. 2025.

MARX, Karl. **O capital**. São Paulo: Boitempo, 2013.

NATALINO, Marco. Estimativa da população em situação de rua no Brasil (2012-2022). Nota Técnica, Rio de Janeiro, n. 103, p. 1-20, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/entities/publication/faa83eb1-f7fb-44d9-ba91-341a7672611d>. Acesso em: 09 nov. 2025.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. tradução Mônica Saddy Martins. Campinas: Papirus, 2005.

OBSERVATÓRIO BRASILEIRO DE POLÍTICAS PÚBLICAS COM POPULAÇÃO DE

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Genebra: ONU, 1948.

RUA (OBPOP). **Relatório Nacional sobre a População de Rua e a Pandemia**. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://obpoprua.direito.ufmg.br/>. Acesso em: 09 nov. 2025.

OBSERVATÓRIO BRASILEIRO DE POLÍTICAS PÚBLICAS. **População em Situação de Rua no Brasil**. Disponível em: https://obpoprua.direito.ufmg.br/moradia_pop_rua.html. Acesso em: 16 set. 2025

SANTOS, T. B. F. **Ruas e Pandemia**: As Determinações na Saúde da População em Situação de Rua. UNESP, Franca, 2022.

SURVIVORS. Produção de Sue Hogg. Roteiro: Adrian Hodges. Londres: Bbc, 1975. (90 min.), son., color. Legendado. Disponível em: <https://www.bbc.co.uk/writers/scripts/tv-drama/survivors>. Acesso em: 09 nov. 2025.

VIANA, S. **Rituais de Sofrimento**. São Paulo: Editora X, 2020.

APÊNDICE A - Termos de consentimento

Termo de consentimento **Caio Cezar**



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

Eu, Caio César de Paula, neste ato, e para todos os fins em direito admitidos, autorizo expressamente a utilização da minha imagem e voz, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos e filmagens decorrentes da minha participação no projeto do Centro Universitário Barão de Mauá, a seguir discriminado:

Trabalho de conclusão de curso

Título do projeto: Pandemia e cicatrizes

Alunos: Arthur Mica e Walter Costa

Orientador: Gustavo Russo

As imagens e a voz poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final do referido projeto, na apresentação audiovisual do mesmo, em publicações e divulgações acadêmicas, em festivais e premiações nacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na internet, fazendo-se constar os devidos créditos.

Os alunos ficam autorizados a executar a edição e montagem das fotos e filmagens, conduzindo as reproduções que entenderem necessárias, bem como a produzirem nos respectivos materiais de comunicação, respeitando sempre os fins aqui estipulados.

Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a minha imagem e voz ou qualquer outro.

Ribeirão Preto, 5 de novembro de 2025.

Assinatura do(a) entrevistado(a)

Termo de consentimento Lucas Pires



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

Eu, Lucas Alexandre Pires, neste ato, e para todos os fins em direito admitidos, autorizo expressamente a utilização da minha imagem e voz, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos e filmagens decorrentes da minha participação no projeto do Centro Universitário Barão de Mauá, a seguir discriminado:

Trabalho de conclusão de curso

Título do projeto: Pandemia e cicatrizes

Alunos: Arthur Mica e Walter Costa

Orientador: Gustavo Russo

As imagens e a voz poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final do referido projeto, na apresentação audiovisual do mesmo, em publicações e divulgações acadêmicas, em festivais e premiações nacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na internet, fazendo-se constar os devidos créditos.

Os alunos ficam autorizados a executar a edição e montagem das fotos e filmagens, conduzindo as reproduções que entenderem necessárias, bem como a produzirem nos respectivos materiais de comunicação, respeitando sempre os fins aqui estipulados.

Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a minha imagem e voz ou qualquer outro.

Ribeirão Preto, 06 de novembro de 2025.



Documento assinado digitalmente
LUCAS ALEXANDRE PIRES
Data: 06/11/2025 05:08:07-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Assinatura do(a) entrevistado(a)

UNIDADE CENTRAL
Rua Ramos de Azevedo, 423
Jd. Paulista - Ribeirão Preto/SP

UNIDADE ITARARÉ
Rua Itararé, 94 - Jd. Paulista
Ribeirão Preto/SP

UNIDADE ITATIAIA
Av. Itatiaia, 1.176 - Jd. Sumaré
Ribeirão Preto/SP

UNIDADE INDEPENDÊNCIA
Rua José Curvelo da Silveira Jr., 110
Jd. Califórnia - Ribeirão Preto/SP

UNIDADE CAMILO
Rua Camilo de Mattos, 2211
Jd. Paulista - Ribeirão Preto/SP

0800 18 35 66

www.baraodemaua.br

Termo de consentimento Duda Hidalgo



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

Eu, Maria Eduarda Alencar Hidalgo, neste ato, e para todos os fins em direito admitidos, autorizo expressamente a utilização da minha imagem e voz, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos e filmagens decorrentes da minha participação no projeto do Centro Universitário Barão de Mauá, a seguir discriminado:

Trabalho de conclusão de curso

Título do projeto: Pandemia e cicatrizes

Alunos: Arthur Mica e Walter Costa

Orientador: Gustavo Russo

As imagens e a voz poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final do referido projeto, na apresentação audiovisual do mesmo, em publicações e divulgações acadêmicas, em festivais e premiações nacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na internet, fazendo-se constar os devidos créditos.

Os alunos ficam autorizados a executar a edição e montagem das fotos e filmagens, conduzindo as reproduções que entenderem necessárias, bem como a produzirem nos respectivos materiais de comunicação, respeitando sempre os fins aqui estipulados.

Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a minha imagem e voz ou qualquer outro.

Ribeirão Preto, 06 de novembro de 2025.

Documento assinado digitalmente
 **MARIA EDUARDA ALENCAR HIDALGO**
 Data: 10/11/2025 14:01:28-0300
 Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Assinatura do(a) entrevistado(a)

UNIDADE CENTRAL
 Rua Ramos de Azevedo, 423
 Jd. Paulista - Ribeirão Preto/SP

UNIDADE ITARARÉ
 Rua Itararé, 94 - Jd. Paulista
 Ribeirão Preto/SP

UNIDADE ITATIAIA
 Av. Itatiaia, 1176 - Jd. Sumaré
 Ribeirão Preto/SP

UNIDADE INDEPENDÊNCIA
 Rua José Curvelo da Silveira Jr., 110
 Jd. Califórnia - Ribeirão Preto/SP

UNIDADE CAMILO
 Rua Camilo de Mattos, 2211
 Jd. Paulista - Ribeirão Preto/SP

0800 18 35 66

www.baraodemaua.br

Termo de consentimento **Júlia Moretti****TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ**

Eu, Julia Azevedo Moretti, RG nº 28.531.263-7, CPF nº 219.822.218-36, neste ato, e para todos os fins em direito admitidos, autorizo expressamente a utilização da minha imagem e voz, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos e filmagens decorrentes da minha participação no projeto do Centro Universitário Barão de Mauá, a seguir discriminado:

Trabalho de conclusão de curso

Título do projeto: Pandemia e cicatrizes

Alunos: Arthur Mica e Walter Costa

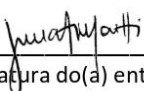
Orientador: Gustavo Russo

As imagens e a voz poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final do referido projeto, na apresentação audiovisual do mesmo, em publicações e divulgações acadêmicas, em festivais e premiações nacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na internet, fazendo-se constar os devidos créditos.

Os alunos ficam autorizados a executar a edição e montagem das fotos e filmagens, conduzindo as reproduções que entenderem necessárias, bem como a produzirem nos respectivos materiais de comunicação, respeitando sempre os fins aqui estipulados.

Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a minha imagem e voz ou qualquer outro.

Ribeirão Preto, 10 de novembro de 2025.


Assinatura do(a) entrevistado(a)

UNIDADE CENTRAL
Rua Ramos de Azevedo, 423
Jd. Paulista - Ribeirão Preto/SP

UNIDADE ITARARÉ
Rua Itararé, 94 - Jd. Paulista
Ribeirão Preto/SP

UNIDADE ITAÍLIA
Av. Itaitiaia, 1176 - Jd. Sumaré
Ribeirão Preto/SP

UNIDADE INDEPENDÊNCIA
Rua José Curvelo da Silveira Jr., 110
Jd. Califórnia - Ribeirão Preto/SP

UNIDADE CAMILO
Rua Camilo de Mattos, 2211
Jd. Paulista - Ribeirão Preto/SP

0800 18 35 66

www.baraodemaua.br

Termo de consentimento **Silvio Mica****TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ**

Eu, Silvio Henrique Mica, neste ato, e para todos os fins em direito admitidos, autorizo expressamente a utilização da minha imagem e voz, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos e filmagens decorrentes da minha participação no projeto do Centro Universitário Barão de Mauá, a seguir discriminado:

Trabalho de conclusão de curso

Título do projeto: Pandemia e cicatrizes

Alunos: Arthur Mica e Walter Costa

Orientador: Gustavo Russo

As imagens e a voz poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final do referido projeto, na apresentação audiovisual do mesmo, em publicações e divulgações acadêmicas, em festivais e premiações nacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na internet, fazendo-se constar os devidos créditos.

Os alunos ficam autorizados a executar a edição e montagem das fotos e filmagens, conduzindo as reproduções que entenderem necessárias, bem como a produzirem nos respectivos materiais de comunicação, respeitando sempre os fins aqui estipulados.

Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a minha imagem e voz ou qualquer outro.

Ribeirão Preto, 13 de novembro de 2025.

Assinatura do(a) entrevistado(a)

UNIDADE CENTRAL
Rua Ramos de Azevedo, 423
Jd. Paulista - Ribeirão Preto/SP

UNIDADE ITARARÉ
Rua Itararé, 94 - Jd. Paulista
Ribeirão Preto/SP

UNIDADE ITAÍLIA
Av. Itaitiaia, 1176 - Jd. Sumaré
Ribeirão Preto/SP

UNIDADE INDEPENDÊNCIA
Rua José Curvelo da Silveira Jr., 110
Jd. Califórnia - Ribeirão Preto/SP

UNIDADE CAMILO
Rua Camilo de Mattos, 221
Jd. Paulista - Ribeirão Preto/SP

0800 18 35 66

www.baraodemaua.br

APÊNDICE B - DECUPAGENS DAS ENTREVISTAS

00;00;00;04 - 00;00;01;02

Duda Hidalgo: É luta

00;00;01;02 - 00;00;02;11

Alexandre: Dor

00;00;02;11 - 00;00;03;14

Diva: Sofredores

00;00;03;14 - 00;00;05;04

Sofia: Experiência

00;00;05;04 - 00;00;06;25

Fábio: Eu me coloco como revolucionista.

00;00;37;02 - 00;00;38;21

Julia Moratti: Bom morador de rua e a pessoa que por uma situação qualquer está, enfim, em uma situação de desabrigo e normalmente desamparo.

00;00;48;12 - 00;00;49;17

Lucas Pires: Como o conceito. Eu acho que a gente pode abordar o morador de rua como um indivíduo que na modernidade ele tenta se sustentar por si próprio a partir das suas próprias conjunturas, do seu esforço individual, das suas questões

00;01;05;05 - 00;01;08;07

Julia Moratti: Você tem dois grandes tipos de moradores de rua, aqueles de longa permanência, então, que por situações de desestabilização social, já estão morando na rua há muito tempo. E outras pessoas que estão numa situação de desabrigo recente, normalmente por uma, pode ser por uma reintegração de posse ou algum conflito que tenha ensejado essa situação de desalojamento e aumento de

vulnerabilidade.

00;01;32;16 - 00;01;36;17

Lucas Pires: A gente pode enquadrar esse indivíduo também como uma questão social, não necessariamente como um problema. A gente pode enquadrá-lo como alguém, uma pessoa que, dadas as circunstâncias próprias da vida, optou pela vida na rua para conseguir dar conta de suas próprias demandas.

00;01;53;15 - 00;01;54;22

Debrair: traição! Até então ninguém me falou, eu mesmo que peguei. Então peguei da cidade onde morava, morava em Taquaritinga. Vi a traição, foi várias ideias, peguei, como eu tenho um laço com ela, tenho um laço que é meu filho, tenho um filho, pensei mais mesmo nele.

00;02;19;08 - 00;02;49;14

Fábio: Liberdade! Corta um pouco da nossa privacidade. Pega muito no pé, não sabe lidar com os filhos, não sabe dialogar, não sabe preparar o psicológico do filho para o mundo. Então, acontece que é, vai acabar educando filho com rebeldia, com falta de educação, com ignorância. Então tudo isso leva uma, gera uma revolta dentro de nós, que é a qual a gente começa a conhecer submundo do mundo

00;02;49;21 - 00;03;16;06

Caio Cezar : Eles entendem a liberdade como uma defesa para aguentar as adversidades. Então, provavelmente eles estavam em lares extremamente restritivos ou com rigidez em alguma questão, e na rua é igual você mesmo abordou a liberdade, ela é muito mais ampla, então, alguns estigmas que a pessoa trazia na casa ele não precisa ter essa pressão quando ele está na situação de rua então ocorre também, essa questão dessa liberdade também é muito comum esse relato.

00;03;16;06 - 00;03;52;19

Lucas Pires : A gente tem que pensar a sociedade a partir de um prisma do estigma O morador de rua, ele carrega um estigma social cada vez mais pejorativo, onde a

sociedade desumaniza A pessoa do morador de rua, tirar dele essa condição de cidadão e de sujeito e enxerga essa pessoa como alguém que é desfavorecido, alguém que não conseguiu atingir seus objetivos em vida, alguém que também representa um problema social.

00;03;52;22 - 00;04;13;11

Duda Hidalgo: O problema muitas vezes ele é entendido, mas a resposta que é dada a gente erra no remédio, vamos colocar assim a resposta que é dada no geral, ela é higienista que é essas pessoas incomodam, elas incomodam visualmente, vê a situação dessas pessoas Incomoda o cidadão de classe média, o cidadão comum.

00;04;13;26 - 00;04;17;27

Fábio: Minha vida na rua ? Tirando a adversidade de dificuldade em termos de época de frio, alimentação, a gente vive bem porque até mesmo tem uma assistência, o pessoal que vem da assistência social, para nós, isso aí ajuda bastante, que é aqui fora, onde eu vivo aí a gente acaba se adaptando “Você via basicamente mais liberdade na rua do que em casa ?” correto!

00;04;46;03 - 00;05;01;14

Caio Cezar: E quando a gente continua atuando sob o trauma, O corpo, o organismo, o cérebro entram num modo de defesa que ele não consegue mais raciocinar e refletir e perpassar aquelas questões Então ele começa a generalizar que a vida dele tem que ser aquela situação

00;05;01;17 - 00;05;22;00

Julia Moretti: A população que a gente fala, população em situação de rua é de fato uma população muito invisibilizada, invisibilizada pelas pessoas, pelo cidadão, pelos gestores públicos, pela sociedade em geral e isso faz com que haja uma violação sistemática de direitos dessas pessoas

00;05;23;21 - 00;05;28;10

sonora: “Rogai por nossos pecadores agora e na hora de nossa morte, amém”

00;05;29;10 - 00;05;43;55

José: Quando eu perdi meu emprego, eu não tinha. Não tive mais condições de pagar o aluguel porque eu não conseguia o trabalho, devido a pandemia aí eu vim pra rua, tive que abandonar tudo vim para a rua e trabalhando na reciclagem

00;05;44;13 - 00;05;55;00

Alexandre: A falta de oportunidade de trabalho, as pessoas que julgam muito pela aparência, não pelo seu currículo. Já fui chamado para várias empresas, mas quando chegava na hora da entrevista a pessoa vê a aparência e não contrata.

00;05;55;08 - 00;06;15;04

Caio Cezar: Uma pessoa que está em situação de rua quando ela procura emprego pelo fato de ela não ter um comprovante de endereço, por exemplo, isso já afeta em grandes partes dela conseguir um serviço ou um emprego formal. A falta de oportunidades e invisibilização dessas pessoas é um fator que continua a manter certas pessoas em situação de rua.

00;06;15;07 - 00;06;43;59

José : Aí eu caí para a rua fiquei na decadência, aí não tenho como chegar numa padaria devido eu ter perdido meus dentes, né? Eu não tenho nenhum dente na boca, como eu vou chegar para pedir emprego em uma padaria se eu não tenho meu cartão de visitas, que são meus dentes, né? e as vezes quando eu estou falando, começo a babar e fica uma coisa bem deselegante, até então eu não consigo um trabalho por este fato, né? Eu preciso de colocar meus dentes.

00;06;42;00 - 00;06;53;11

José: Quando eu tinha minha vida antes? Eu pagava um aluguel de um apartamento, eu tinha uma vida estável, uma vida estável, tranquilo até então minha profissão era padeiro.

00;06;53;12 - 00;07;04;11

Alexandre: Tem 21 anos de carteira que pago o INSS, falo dois idiomas , tenho dois passaportes, morei 16 anos na Hungria, me formei em direito, então é difícil, aqui dentro tem um pediatra, formado em medicina.

00;07;04;13 - 00;07;30;24

Duda Hidalgo: O prefeito fez um vídeo dentro desse vídeo ele passa abordando algumas pessoas em situação de rua e dizendo: Você quer sair daqui? então eu vou, eu vou te dar uma oportunidade, e aí a gente descobriu que apenas um de tantas pessoas que foram abordadas pelo prefeito dentro do vídeo foi de fato encaminhado para algum equipamento porque não tinham vagas para atender essas pessoas.

00;07;34;18 - 00;07;49;28

Caio Cezar: Grande parte dessas pessoas querem apenas serem ouvidas, elas não querem dinheiro ou outras questões, elas só querem ser ouvidas porque elas não são ouvidas por ninguém e é essa questão, esse estigma ainda assim, continua auxiliando para que as pessoas continuem em situação de rua.

00;07;50;14 - 00;08;10;20

Alexandre: Pessoa chega para conversar com você se você der 30 segundos de atenção vai ajudar muito, não é só dinheiro, não, dinheiro é bom, é necessário? É! Ajuda? ajuda! isso vai que ajuda só que não é tudo não, uma palavra, um bom dia que dá para a pessoa morador de rua, boa tarde ou boa noite olha, enche o coração

00;08;10;11 - 00;08;12;19

“A senhora passou a pandemia aqui também “

00;08;12;19 - 00;08;40;00

Diva: A pandemia eu passei aqui eu tenho certeza, com Deus que nunca eu iria pegar muitos deles aqui pegaram, mas nenhum chegou a morte. É muito sofrimento de eu chegar ali embaixo das árvores e eles mandam me chamar “Vai lá chamar a tia Diva” “Vai lá chamar Mãe Diva pra vir nos ajudar” Eu ia e passei essa pandemia, meu marido pegou, eu cuidei, não levei em médico e meu marido está vivo, são e salvo

00;08;40;00 - 00;09;25;01

Lucas Pires : A pandemia, primeiro afetou a todos nós,nós passamos por um processo de digitalização da vida,de aceleração dos processos, da vida também e nesse sentido, ela criou uma nova forma, um rearranjo na forma como nós nos relacionamos conosco mesmo, com as tecnologias, enfim, com a economia, o mercado e nesse sentido. A pandemia,ela criou um precedente interessante: se as pessoas não têm condições mínimas de subsistência e suporte,elas podem ser desprezadas, elas podem ser excluídas,elas podem ter os seus direitos negados pela própria agência estatal.

00;09;25;09 - 00;09;49;02

José : Desde a pandemia,cinco anos que estou na rua então de um jeito ou de outro a gente vem trabalhando na reciclagem,então, é o trabalho que a gente conseguiu para poder não passar necessidade e é o trabalho nosso que a gente tem feito,é a vida da rua, não é não e a vida na rua não presta Sabe? não presta porque você encontra muita gente ruim né no seu trajeto.

00;09;55;29 - 00;10;17;22

Diva : Nós temos ajuda primeiramente de Deus, segundo é de todos amigos aqui que está aqui agora, nesse momento viu porque se eu chegar no pai de vocês,aí eles vem nos socorrer com a cesta básica, com a alimentação e essas boia ,essa sopa que eles trazem aqui é uma benção que cai do céu, viu,porque tem muitos deles aí que fica dois dias sem comer.

00;10;17;23 - 00;11;07;12

Silvio Mica: Bom, o Instituto Simplesmente Amor ele já está ativo há dez anos e ele começou pequeno, né? lá em 2014, 2015 e começou com 40 lanches que a gente entregava e poucos locais em Ribeirão só que com o tempo foi aumentando,a demanda foi aumentando,o número de pessoas em situação de rua é um instituto que era, era um negócio assim pequeno e de amigos, aí precisamos abrir um CNPJ até para receber algumas doações e com o tempo foi crescendo,a população foi nos conhecendo, foi doando mais, a gente foi aumentando e hoje está em torno de 600 lanches toda semana que a gente entrega a essas pessoas em situação de rua.

00;11;07;13 - 00;11;38;24

Silvio Mica: Olha, foi um negócio assim, bem impactante para nós nas primeiras semanas que tudo parou e às vezes a gente saía na rua ou para algum local e o pessoal que já conhecia a gente na rua pedia para a gente voltar e a gente tinha o medo de ir pra rua ss voluntários né? Quem estiver seguro para ir pra rua, vamo pra rua? E a gente saiu pra rua e não tinha ninguém entregando, então a gente saía nessa época, em 1000 lanches e entregava rapidinho.

00;11;38;26 - 00;11;57;26

Fábio: Com a pandemia? Foi tranquilo foi como o meu cotidiano normal, como diversos tipos de doenças, que tá aí a mercê da população A pandemia veio mais pra somar, mais uma doença que veio, só que um pouco mais devastadora

00;11;58;09 - 00;12;41;02

Sofia: E entre ficar em rua com a pandemia, para a gente foi sofrido porque questão do preconceito você vai pedir uma ajuda as pessoas acham que a gente vai passar doenças e eu sempre disse assim gente, que absurdo, porque a tal da Covid, ela não é uma doença que se pega cumprimentando apenas, é o ar se você tiver que pegar, vai pegar então a gente sofria muito questão de um alimento, uma doação pararam de doar cobertores, essas coisas, pessoas ficavam com medo né de tudo isso.

00;12;41;02 - 00;12;43;07

Thatiane : Maioria já morreu, maioria, maioria que estava aqui já se foi

00;12;45;18 - 00;12;46;24

“Em virtude da pandemia ?”

00;12;46;24 - 00;13;03;20

Thatiane: É, foi com a tosse, a minha amiga morreu nova, um amigo também, morreu novo, minha amiga morreu, um passando para o outro, maioria que estava aqui se foi. Não sabia o que era, não sabia do nada começava a passar mal quando ficava sabendo já tinha morrido.

00;13;03;21 - 00;13;31;14

Debrair: A minha vida na época da pandemia eu evitava, tipo, o povo falava para usar máscara, certo? se eu falar que usei eu tô mentindo mas assim, vou falar a hora de tossir, sempre tem aquele do braço, protege com a mão sempre lavar a mão, querendo ou não, ficar a distância do próximo então quando teve essa época,então,eu não ficava muito em aglomeração, Pra mim então eu aprendi muito a vida estando aqui na rua, vivendo, querendo ou não.

00;13;31;14 - 00;14;37;16

Caio Cezar: Em sociedade, o que a gente pode fazer é garantir o mínimo existencial, ou seja, a gente não pode esperar que uma pessoa em situação de rua vá conseguir ter uma capacidade de raciocinar futuro,planejar metas e ter objetivo se ela não tem o mínimo existencial garantido, que é um local para morar um local para morar,um local para dormir questão de alimentação, e questão de higiene básica,então se a gente não tem esses três fatores principais, a gente não consegue subir nessas outras questões e trabalhar depois questões de saúde,e trabalhar depois questões de saúde, questões de assistência social e aí sim, gente consegue pegar essa pessoa e trabalhar questões como futuro e objetivos de vida.Então, em sociedade a gente pode auxiliar ONGs que estão participando. Em relação a pessoas em situação de rua a gente pode tirar esse senso comum de que os serviços como abrigo provisório, casa de passagem e centro POP são serviços ruins e, pelo contrário,são serviços bons, serviços efetivos,todo serviço de proteção social especial, de alta complexidade ou de média complexidade merece extremo respeito que são equipes extremamente competentes que trazem resultados sim,resultados que são quantitativos e qualitativos.

00;14;43;23

-

00;15;00;08

Caio César: Pandemia intensificou ainda mais a questão traumática para essas pessoas então são pessoas que já tem uma hiperatividade e ficam muito preocupadas com o que pode acontecer com eles, porque quando você vive na rua,você tem que ficar tenso o tempo todo, porque qualquer coisa pode acontecer com você.

00;15;00;09 - 00;15;19;00

Débora: Eu estou aqui em Ribeirão Preto, faz 16 anos que eu vim aqui realizar o sonho do meu pai, que ele era um cortador de cana, o Antônio Jorge Barbosa que Deus o tenha um bom lugar, que ele morreu, do Corona, o meu pai morreu, o meu marido também morreu, eu tive dois velórios ao mesmo tempo.

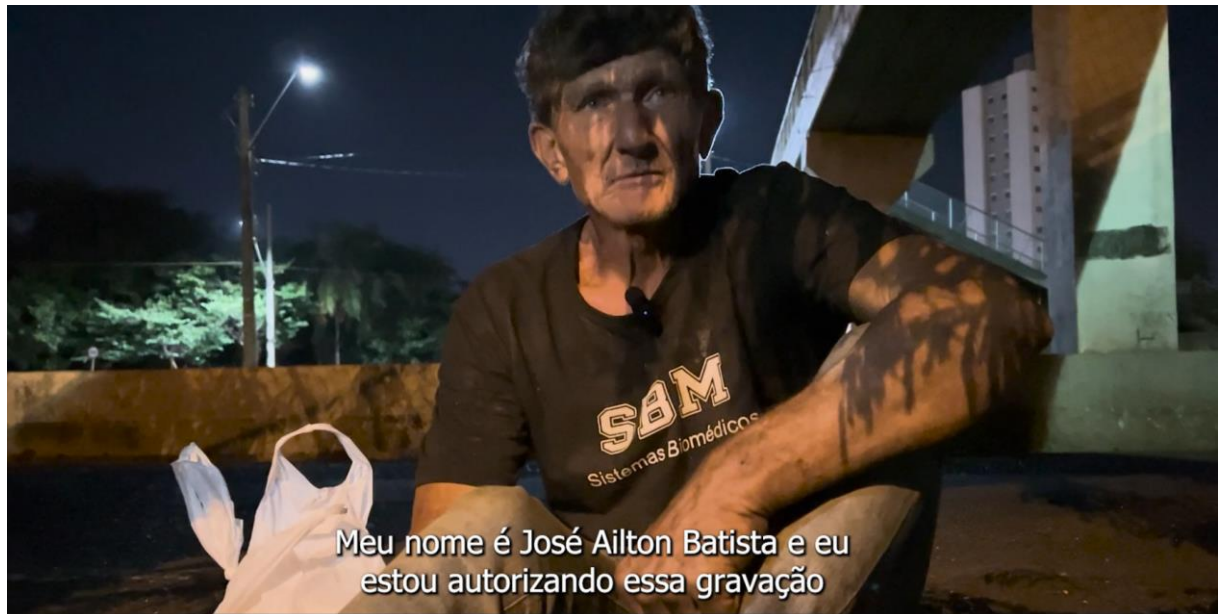
00;15;19;01 - 00;15;34;00

Caio César: É comum pessoas que, após experiências muito traumáticas envolvendo luto, acabam se tornando pessoas em situação de rua devido à ruptura familiar, então aquela, aquele único elo familiar que a pessoa tinha quando foi rompida, ele se vê na necessidade de sair daquela casa.

00;15;34;02 - 00;15;36;12

Débora: Não vou culpar a minha mãe, a droga, eu vou culpar eu mesma por ser covarde e ter perdido a guarda da minha filha quando ela tinha dois anos de idade. O meu pai quando veio aqui para Ribeirão Preto que ele era um cortador de cana enfim, eu consegui uma casa, consegui emprego, mudei de vida, mas a maldição da cocaína fez que eu me afastasse da minha família, tanto o meu pai. Como que eu vim aqui para Ribeirão Preto ...desculpa.

APÊNDICE C - Declaração dos entrevistados que vivem em situação de rua



“Meu nome é José Ailton Batista e eu estou autorizando essa gravação”



“Meu nome é Debrair de Oliveira Neto, tenho 31 anos e eu autorizo fazer essa gravação”



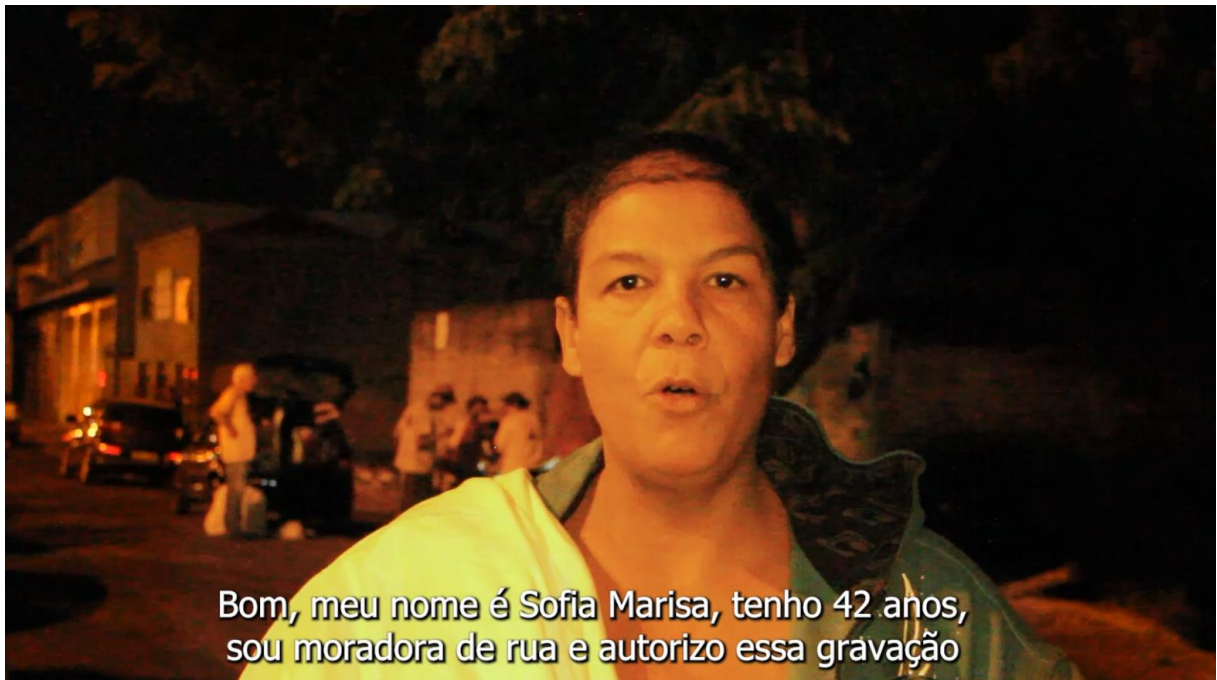
Meu nome é Tatiana Tales Vieira,
tenho 40 anos e autorizo essa gravação

“Meu nome é Tatiana Tales Vieira, tenho 40 anos e autorizo essa gravação”



Alexandre, 63 anos, autorizo essa gravação

“Alexandre, 63 anos, autorizo essa gravação”



Bom, meu nome é Sofia Marisa, tenho 42 anos,
sou moradora de rua e autorizo essa gravação

“Bom, meu nome é Sofia Marisa, tenho 42 anos, sou moradora de rua e autorizo
essa gravação”



Me chamo Diva Souza Xavier, eu estou a disposição
dos meninos me filmarem, é por espontânea vontade

“Me chamo Diva Souza Xavier, eu estou a disposição dos meninos me filmarem, é
por espontânea vontade”



“Meu nome é Fábio Nogueira de Souza, tenho 47 anos e eu autorizo essa gravação”



“Eu sou a Débora de Souza Barbosa, eu autorizo essa gravação”

Link do documentário

[PANDEMIA E CICATRIZES](#)